

Cidade e Memória – espaços identitários em Julio Cortázar

Dilma Alexandre Figueiredo

As cidades como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que suas regras sejam absurdas, as suas regras sejam enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa. (Ítalo Calvino)

A cidade como mito é umas das marcas fundadoras da literatura rio-platense do século XX. Autores como Borges, Arlt e Cortázar traduzem o imaginário urbano em utopias e anti-utopias, em construções que participam tanto do coletivo quanto do particular imbricados na memória coletiva e vivência pessoal. Partindo desse prisma, esse trabalho se propõe a buscar na narrativa de Julio Cortázar, mas precisamente em alguns capítulos de *Rayuela* e trechos de seus ensaios, elementos que comportem as marcas desse imaginário e os processos de memória coletiva e o modo pelo qual essa produz o conceito de identidade com essa matriz narrativa.

Ao fazer um traçado da produção intelectual da América Latina, Ángel Rama propõe uma espacialização que estrutura e dá corpo à produção estética e cultural latino-americana. Em seu livro *A cidade das letras*, 1985, traça o caminho do intelectual e sua importante participação na formação ideológica da construção do espaço físico, pois à medida que as cidades eram construídas fisicamente também

se construíam simbolicamente. E era desse corpo letrado a responsabilidade da formação ideológica e legitimação dos projetos idealizados na formação das cidades desde a colonização.

Ao longo do seu livro, Rama apresenta vários processos na participação desse corpo letrado, desde o estabelecimento de leis e normas, leis de direito, uso regular do idioma, até diretrizes de comportamento e regulamentação das atividades sociais. Constrói um mapa dos sucessivos modelos culturais que se estabeleceram ao longo da história cultural Latino-americana, nos períodos que vão desde a colonização até a segunda metade do século XX, período de grandes revoluções e que culmina com a onda de ditaduras militares.

Em seu livro *Transculturación narrativa en América Latina* (1987), Ángel Rama, partindo do conceito dado por Fernando Ortiz e restringindo-se ao âmbito da produção literária, denomina de “transculturadores narrativos” os escritores que sob a sua perspectiva não se dedicam somente a copiar a cultura estrangeira ou a as vanguardas literárias e que tão pouco se detêm na tradição regionalista mas são capazes de realizar “um proceso de selección, descarte, rescate, descubrimiento, combinación, y síntesis de elementos de la cultura ajena tanto como la propia”. Nesse livro Rama inicia o seu trajeto em direção à concepção do espaço urbano como pólo propagador dessa transculturação:

La capital o, sobretudo, el puerto, aunque es aquí donde la pulsación externa gana sus mejores batallas, y el segundo que es el que

realiza la cultura regional interna respondiendo al impacto de la transculturación que traslada la capital. (RAMA, 1987, p. 36 e 37)

Em se tratando de todo o processo de renovação pelo qual passou a narrativa hispano-americana, segundo as proposições de Rama, no qual se dava primeiro na cidade para depois se expandir. Vemos então, que, a concepção da cidade como agente disseminador de idéias, será o germen para o caminho de investigação que empreenderá mais tarde na *Cidade das letras*.

Nesse livro Rama tenta entender o discurso como prática realizada por esses agentes para responder às demandas sociais segundo uma série de procedimentos reguladores e práticas subsidiárias na construção do espaço físico concomitante ao espaço ideológico que ia se construindo por meio da linguagem. Propõe o espaço físico da cidade como espaço de projeções para o surgimento de cidades outras, Levando-nos a pensar em um “mas allá” construído pelo discurso, e que dá corporeidade às narrativas latino-americanas.

Em seu livro *Borges un escritor en las orillas* (1995), Beatriz Sarlo afirma que “a cidade é centro de radiação simbólica” e que “o imaginário urbano é hegemônico na cultura rio-platense no século XX. A representação da cidade a meados do século XX se configura como elemento comum do sujeito discursivo na literatura Latino-americana. Várias foram as cidades desenhadas nos mapas culturais da América Latina.

As análises empreendidas por Maurice Halbwachs (1990) sobre memória foram de grande contribuição para o entendimento e aceitação dos quadros sociais que compõem a memória. Segundo ele,

a memória aparentemente individual sempre se remete a um grupo. As lembranças, as rememorações sempre se fazem a partir dos diferentes grupos os quais nos relacionamos. Partindo do pressuposto de que: o sujeito carrega em si as recordações, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. E, ainda que estejamos distantes desse grupo, o nosso recordar se faz a partir das experiências que obtivemos em conjunto com esse grupo. Portanto, a memória individual é pautada na memória coletiva.

A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas da solidariedade múltiplas dentro das quais estamos engajados (HALBWACHS, 1990, p. 14)

Sarlo analisa a obra de Borges sob o prisma da dualidade nacional /universal e conclui que o escritor vê no cosmopolitismo uma estratégia para a existência da literatura Argentina e coloca:

Desde la periferia, imagina una relación no dependiente respecto de la literatura extranjera, y está en condiciones de descubrir el 'tono' rioplatense porque no se siente un extraño entre los libros ingleses y franceses. Desde un margen, Borges logra que su literatura dialogue de igual a igual con la literatura occidental. Hace del margen una estética. (SARLO, 1995)

Tais questões também foram frequentes em Cortázar, que produziu grande parte de sua obra em Paris, onde morou por quase toda a vida. Muito criticado por sua opção de viver e produzir fora de seu país, o escritor compreendia que se tal afastamento físico se por um lado lhe desincumbia de um certo compromisso imediato com a problemática local, perdendo assim força em um certo contexto imedia-

to, por outro, lhe garantia uma lucidez de uma visão planetária, “a veces insoportable pero siempre esclarecedora” (CORTÁZAR, 1967).

(...) cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, (...) este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e (...) este lugar muda de acordo com as relações que eu mantenho com esse meio. (HALBWACHS, 1985, 26)

A experiência de Cortázar, que vem apresentar novas questões acerca da “fidelidade local e mobilidade mundial” (CÂNDIDO, 1987) confirma a possibilidade de uma reflexão transnacional, na qual o amadurecimento de um projeto cultural estabelece caminhos construídos por diversas contribuições, reafirmando nos escritores latino-americanos uma consciência da unidade na diversidade.

Em seu ensaio *Situación del intelectual*, Cortazar revela o porquê de seu afastamento e reaproximação da América Latina e revela também que mesmo estando longe nunca deixou de projetar em sua obra a sua essência:

Sé de sobra que vivir en Europa y escribir “argentino” escandaliza a los que exigen una especie de asistencia obligatoria a clase por parte del escritor. Como la falsa modestia no es mi fuerte, me asombra que a veces no se advierta hasta qué punto el eco que han podido despertar mis libros en Latinoamérica se deriva de que proponen una literatura cuya raíz nacional y regional está como potenciado por una experiencia más abierta y más compleja (...) (CORTÁZAR, 1994, p. 39)

E o que queria dizer Cortazar sobre esse “escrever argentino”? Seria somente os “ches”, a linguagem das ruas de Buenos Aires, o lunfardo, já que ele era um amante do tango? Cremos que indo mais além poderemos encontrar como elemento de confluência com a literatura rio-platense a cidade como parte integrante do universo cortazariano, como um personagem que insiste em fazer-se presente:

– En el fondo – dijo Gregorovius –, Paris es una enorme metáfora.

–¿ Por qué una enorme metáfora?

– Él anda por aquí como otros se hacen iniciar en cualquier fuga, el voodoo o la marihuana, Pierre Boulez o las máquinas de pintar de Tinguely. Adivina que en alguna parte de París, en algún día o alguna muerte o algún encuentro hay una llave: la busca como un loco. Fíjate que digo como un loco. Es decir que en realidad no tiene conciencia de que busca la llave, ni de que la llave existe. Sospecha sus figuras, sus disfraces; por eso hablo de metáfora. (RAYUELA, 1996, capítulo 26, p. 116)

Aqui a referência a Paris como uma metáfora se explica quando essa é relacionada ao personagem Horácio que seria relacionada ao *flâneur* o transeunte que conhece cada esquina, galerias e ruas e que detêm a chave da cidade. Segundo Benjamin, a *flâneuse* foi criada pela cidade de Paris, sendo esta, o seu lugar sagrado. A estreita relação entre a cidade de Paris e o poeta-flâneur estão presentes de forma massiva nos romances e contos do escritor argentino Júlio Cortazar. Paris é segundo Cortazar uma mulher, e para os críticos, a protagonista de seus contos.

Em se tratando da literatura Argentina, retomando o dito por Sarlo percebemos que tais narrativas vieram de uma mesma matriz, gerada mais precisamente no século XIX, quando a cidade ainda não era cidade. Já em *Facundo*, Sarmiento fala de uma Buenos Aires que se quer conhece e projeta em sua obra uma sociedade que ainda estaria por vir: “(...) la literatura desea, inventa y ocupa.” (SARLO, 1995, p. 20). A Argentina sonhada e representada por Sarmiento, ainda no século XIX, torna-se realidade apenas a meados do século XX.

E em *Cidade letrada*, não há de surpreender que Rama ao referir-se algumas vezes a *As cidades invisíveis* de Italo Calvino, insiste, em particular, ao diálogo entre Marco Polo e seu anfitrião Kublai Kan e cita:

Finalmente, a viagem conduz à cidade de Tâmara. Penetra-se por ruas cheias de placas que pendem das paredes. Os olhos não vêem coisas mas figuras de coisas que significam outras coisas: o torquês indica a casa do tira-dentes; o jarro a taberna; as alabardas o corpo de guarda; a balança uma quitanda. (...) Outros símbolos advertem aquilo que é proibido em algum lugar e aquilo que é permitido. (...) Se um edifício não contém nenhuma insígnia ou figura, a sua forma e o lugar que ocupa na organização da cidade bastam para indicar a sua função. (...) Mesmo as mercadorias que os vendedores expõem em suas bancas valem não por si próprias mas como símbolos de outras coisas: a tira bordada para a testa significa elegância; a liteira dourada poder; os volumes de Averróis, sabedoria. (...) O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso. (Calvino, 1990, p. 18)

Para Calvino e Rama, as cidades tomam o lugar e função do mito, sendo estas as que resumem e revelam a cultura. Quando Marco Pólo quer descrever ao imperador as culturas que encontrou em seu caminho, ou as culturas que formam parte de seus domínios e adjacências, fala de cidades, e isso parece alcançar e contemplar suas explicações. Pois ao tornarem-se visíveis por meio do relato, as cidades revelam a cultura inteira de um povo, a forma de ser e de pensar de sua gente.

Em seu ensaio *“El espacio mítico o la utopia degradada? Por una geopoética de la ciudad en la narrativa”* (2003), Fernando Ainsa relata a importância da cidade desde a América pré-hispânica perpassando pela colonização, inícios do século XX até seu fim. Quase que direcionado pela linha de investigação proposta por Angel Rama no já referido *Cidade das letras*, afirma que “El escritor iberoamericano fue, pues, desde su origen ciudadano de la “ciudad letrada” (p. 01) ao se referir a escritores que se apropriaram subjetivamente do espaço urbano e completa sua afirmação dizendo que uma cidade é feita não só de tijolos, cimento e ferro, mas também de palavras e arquivos da memória. As cidades imaginadas de nossos autores também se compõem de memória, memória de um passado que se que negar e ao mesmo tempo reconstruir.

Pensando nessa conformidade vemos a prática discursiva de autores que ratificam essa concepção. Borges vê o mundo desde el

Aleph que é Buenos Aires, Roberto Arlt em *Los siete locos* (1929) y em *Los lanzallamas* (1931) fala da capital portenha como uma anti-utopia; escritores como Juan Carlos Onetti com Santa María, Gabriel Garcia Márquez y Macondo, Juan Rulfo y Comala, criadores de cidades míticas e fundadores de realidades outras fazendo da cidade o espaço de reinvenção da História latino-america, dando visibilidade ao que se pretendia esconder.

A cidade então, ocupa um papel importante na literatura não só Argentina como também em toda América Latina. Seguindo esse caminho encontramos em Julio Cortazar essa mesma matriz dita por Beatriz Sarlo: a cidade como oposição ao campo, a cidade como projeção para o futuro, a cidade como mito. Se Borges escrevia na intercessão da civilização y Barbárie, entre a llanura dos pampas e Buenos Aires, vendo no cosmopolitismo uma estratégia para a existência da literatura Argentina e fazendo da margem sua estética, Cortazar escreveu desde uma posição marcadamente rio-platense: Entre Buenos Aires e Paris criando no interstício a sua cidade imaginada.

Mi mito de París actuó en mi favor... Me hizo escribir un libro, Rayuela, que es un poco la puesta en acción de una ciudad vista de manera mítica. Toda la primera parte que sucede en París es la visión de un latinoamericano, un poco perdido en sus sueños, que se pasea en una ciudad que es una inmensa metáfora. (Do filme Julio Cortazar 1979/80 de Alain Caroff y Claude Namer)

Percebe-se neste trecho o que representa a cidade de Paris para Cortazar. Como Baudelaire fascinado pelo moderno, celebra a cidade

em seus poemas e Cortazar extasiado como um provinciano que chega na grande cidade, resolve fazer desta um romance: *Rayuela*. A Paris de *Rayuela*, é incógnita como assim os são seus personagens, labiríntica como a estrutura do romance. A cidade, a outra que habita o imaginário do escritor argentino, parece entrecruzar-se com a de suas obras. Como Cooper que criou no centro urbano uma floresta para abarcar as experiências de seu caçador (BENJAMIN, 1995) a Paris dos textos cortazarianos, parece não ser a mesma dos mapas geográficos.

Assim como Sarmiento, a Paris que vê Cortazar, é a mesma que ele desejou estar ainda em Buenos Aires. Assim são as entradas e saídas do universo de suas novelas e contos. As galerias comerciais começam em Paris e terminam em Buenos Aires e vice e versa.

Esse encontro de representações na narrativa hispano-americana são a conformidade de um sujeito discursivo, como dito antes, e, que compartilha da memória coletiva em que se configura o sentimento de identidade alicerçado na memória compartilhada por um grupo não só no campo histórico, mas sobretudo em um campo simbólico.

Ao utilizar a concepção de Angel Rama para se falar da questão cidadina na literatura Latino-americana, pretendeu-se aqui estabelecer uma relação entre o escritor e o espaço urbano e mostrar que essa relação tem seu traçado histórico e que, por-

tanto, forma parte da memória coletiva já que a linguagem é um dos elementos mais importantes para o caráter social da memória.

Nada escapa à trama da sincrônica da existência social *atual*, e é da combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem. (HALBWACHS, 1990, p. 14)

Sendo essa a parte que aqui interessa, os caminhos apontados por Rama que se dirigem para além da cidade letrada, o sentido que ela projeta sobre o sujeito discursivo latino-americano é o que configura o imaginário da América Latina.

Referências Bibliográficas:

AINSA, Fernando, <http://www.intranet.dict.uh.cu/revuh2003no257.asp-26k>

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo. Tradução de José Carlos Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Obras escolhidas; Vol. 03)

CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CÂNDIDO, Antonio. Educação pela noite e outros ensaios. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

CORTÁZAR, Julio. Rayuel, Edición crítica, Julio Ortega y Saúl Yurkievich, coordinadores. 2. ed. Madrid; Paris; Mexico; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX. 1996. Colección Archivos.

_____. “Situación del intelectual latinoamericano”. In: *Obra Crítica* 3. Edición de Saúl Sosnowski, Buenos Aires: Alfagara, 1983.

HALBWACHS, Maurice, *A Memória Coletiva*. Edições Vértice, São Paulo, 1990. Tradução de Laurent Leon Schaffter.

SARLO, Beatriz, *Borges el escritor em las orillas*. Argentina, Ed. Espasa Calpe Argentina S. A / Ariel, 2. ed. 1998.

_____. *Borges la lengua franca*. Gentileza de Beatriz Sarlo para *Libros En Red*. *Borges, un escritor en las orillas*. Buenos Aires: Ariel, 1995.

RAMA, Ángel, A cidade das letras. São Paulo: Brasiliense, 1985.
Tradução: Emir Sader.

_____. Transculturación de la Narrativa en América Latina. 3. ed.
México, España, Argentina y Colombia: Siglo.